

Sumário

Apresentação	3
Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal English in the age of globalization: beyond good and evil <i>Ana Antônia de Assis-Peterson e Maria Inês Pagliarini Cox</i>	5
O professor de língua portuguesa moderno e o discurso escolar anacrônico New teachers of Portuguese Language and the old discourse of conservative schools <i>Luís Centeno do Amaral e Nôris Eunice W. P. Duarte</i>	15
Ensinar estilo? Can we teach style? <i>Sírio Possenti</i>	19
Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento School, Language Teaching, Literacy, and Knowledge <i>Luiz Percival Leme Britto</i>	24
“Eu tenho que falar alemão, senão eles choram!” Bilingüismo como pedagogia culturalmente sensível “I must speak German, if I don’t, they cry!” Bilingualism as a cultural responsive pedagogy <i>Carmen Grellmann Breunig</i>	31
Considerações sobre a fala e a escrita no contexto da escola Considerations about speech and writing in the school context <i>Cátia de Azevedo Fronza</i>	45
Vozes sobre o papel do corpo na aprendizagem The role of the body in learning literacy skills <i>Hilário I. Bohn e Irene Debarba</i>	57

Apresentação

Todos os artigos deste número da revista *Calidoscópio* estão voltados para aspectos da prática pedagógica, seja de língua estrangeira ou de língua materna, seja em contexto monolíngüe ou bilíngüe, seja ainda no desenvolvimento da oralidade, da leitura ou da escrita. São também textos que, direta ou indiretamente, refletem sobre a formação do professor da área de Letras, sobre o papel da Universidade e, em particular, da pesquisa em Lingüística Aplicada na qualificação do letramento institucional e do ensino de línguas. Além disso, os estudos aqui reunidos recortam e abordam suas temáticas sob diferentes referenciais teóricos: Análise do Discurso; Sociolingüística Quantitativa; Sociolingüística Interacional; Fonologia aliada à Fonoaudiologia; Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras; Sociologia da Linguagem; Política Lingüística; Pedagogia; e Estudos sobre Letramento, Bilingüismo, etc. Essa diversidade teórica reflete uma opção do próprio Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Unisinos e consolida a política deste periódico de, sob diversos prismas, ir contribuindo para a construção de um calidoscópio de novas leituras e novas propostas para os temas em questão.

O texto que abre este volume chama-se “Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal”. De autoria de Ana Antônia Assis-Peterson e Maria Inês Cox, da Universidade Federal de Mato Grosso, o artigo propõe ao leitor uma reflexão crítica sobre o fracasso do ensino de inglês nas escolas públicas brasileiras, sem descuidar, obviamente, do contexto mais amplo em que tal ensino está inscrito. Assim, a inevitável contraposição deste com o ensino oferecido nas escolas particulares e nos cursos livres não só é esclarecedora como também instiga o leitor a questionar-se e posicionar-se frente às diferenças apontadas. Muito elucidativa é a discussão do processo de mundialização da língua inglesa, para além do conceito de globalização, que geralmente predomina no debate sobre o papel desta língua no mundo atual. Os aspectos políticos, econômicos, socioculturais e pedagógicos deste processo são contemplados na discussão proposta pelas autoras, resultando em proposições críticas de grande impacto tanto na comunidade acadêmica, particularmente na esfera da Lingüística Aplicada, quanto na comunidade dos professores de língua inglesa que estão atuando nas salas de aula das nossas escolas.

A seguir, o tema da formação de professores de língua(s) é posto em discussão, sob dois enfoques. O primei-

ro enfoque é desenvolvido no artigo intitulado “Professor de Língua Portuguesa Moderno e o Discurso Escolar Anacrônico”, de autoria de Luís Isaías C. Amaral e Nôris Eunice W. P. Duarte, da Universidade Federal de Pelotas. Com base em sua experiência de orientação de estágios supervisionados, os autores desnudam a dificuldade que os professores iniciantes têm de enfrentar o contexto adverso da escola e articular sua prática pedagógica com os princípios aprendidos na formação universitária. Em particular, demonstram quão tímida é a penetração das concepções lingüísticas no contexto escolar. Isso fica claro pelo confronto entre as práticas predominantes nas escolas, que supervalorizam a gramática e impõem a chamada norma padrão, e as práticas fundamentadas na Sociolingüística e na Lingüística Aplicada, que propõem o respeito à diversidade lingüística e a compreensão de que o chamado padrão é uma das variedades da língua (superposta às demais, é verdade), mas não é “a língua em si”. Muito elucidativa é a discussão do papel do professor e do livro didático feita pelos autores ao retomarem o percurso histórico da profissão desenhado por João Wanderley Geraldi. Por fim, suas propostas de enfrentar o problema encerram o texto abrindo caminhos.

O segundo enfoque para o tema da formação de professores é desenvolvido por Sírrio Possenti no ensaio cujo título constitui uma indagação provocativa: “Ensinar Estilo?” Para responder a essa questão, um passo essencial, segundo o autor, é desvincular estilo “tanto da expressão de uma subjetividade quanto de uma suposta relação exclusiva com obras de arte”. Refletindo, então, criticamente sobre o conceito de estilo, o autor adota uma concepção alargada – “Entende-se por estilo uma certa relação entre forma e conteúdo” – que tem reflexos nas aulas de leitura e produção de textos, com destaque para operações de reescrita que permitem chamar a atenção para essas relações. Com maestria e exemplos variados, o autor vai desdobrando seus argumentos em favor de uma postura segundo a qual cabe, sim, ao professor ensinar estilo, desenvolvendo nos alunos o uso eficaz dos recursos lingüísticos de dizer e não dizer e, de como retomar ou deixar para o leitor a recuperação de informações e, com isso, produzir efeitos de sentido particulares. Ressaltando que, neste tipo de trabalho, o texto não pode estar dissociado do contexto e da cultura em que é produzido e lido, o autor se contrapõe a práticas de ensino de língua (de qualquer língua, se pode dizer) que a tratam como sistema autônomo e que operam com o texto

como se fosse uma unidade fechada em si mesma e dissociada do mundo.

A seguir, apresentam-se quatro textos sobre o tema Letramento sob diferentes perspectivas teóricas, com diferentes delimitações e em relação a diferentes contextos socioculturais.

No artigo intitulado “Escola, Ensino de Língua, Letramento e Conhecimento”, Luiz Percival Leme Britto, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, revisita o tema letramento e avança criticamente em sua reflexão. Rejeitando as formas de conceber a língua e a escrita como objetos em si, opta por relacionar língua e poder, retomando a concepção de *língua legítima* de Bourdieu. Esta, mais reconhecida do que conhecida, sustenta o preconceito lingüístico e outros equívocos amplamente difundidos na sociedade. Quanto à escrita, trata-se como um instrumento poderoso que expande a memória e amplia a capacidade de pensamento, o autor ressalta a relação entre sua origem e o registro da propriedade, lembrando que sua história é marcada por um acesso desigual, particularmente nas sociedades de classe. Dados esses pressupostos, o autor contrasta letramento e alfabetização, descarta a visão tecnicista de lidar com a escrita em favor de uma visão política que reconheça como necessário o vínculo entre a apropriação da escrita e a apropriação do conhecimento. Em suas palavras: “Aprender a ler e escrever na escola deve, portanto, ser muito mais que saber uma norma ou desenvolver o domínio de uma tecnologia para usá-la nas situações em que ela se manifesta: aprender a ler e escrever significa dispor do conhecimento elaborado e poder usá-lo para participar e intervir na sociedade.”

O artigo a seguir é de autoria de Carmen Breunig, que atua no Colégio Sinodal (São Leopoldo, RS) e no Instituto de Idiomas Unilínguas, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Trata-se de trabalho que toma por base a pesquisa realizada para sua dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2005 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O texto, intitulado “*Eu tenho que falar alemão, senão eles choram!*”- Bilingüismo como pedagogia culturalmente sensível”, aborda o tema do letramento institucional em uma comunidade bilíngüe alemão-português, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A autora focaliza a alternância de códigos em sala de aula sob uma perspectiva interacional. Observando, filmando e gravando atividades de uma primeira série, primeira etapa, ela constata que a professora faz uso de alemão e português “com a função primordial de manter o curso da interação”. Essa prática é interpretada como uma estratégia de pedagogia culturalmente sensível, proporcionando “voz, vez e acolhimento a crianças providas de uma realidade lingüística em que predomina o uso do alemão, em contraste com a exigência escolar de uso do português”. A análise revela ainda diferenças interessantes quanto a maior ou menor presença de alternância de código em relação a diferentes tipos de atividades de letramento (hora da rodinha inicial, trabalho nas mesas e hora da rodinha final) e também em relação ao decurso do semestre escolar. Trata-se, portanto, de um trabalho que põe em destaque a necessidade de compreender os usos lingüísticos de comunidades bilíngües e de respeitar os direitos de seus falantes, em franca contraposição a práticas excludentes e preconceituosas

muitas vezes levadas a cabo em nossas escolas em boa parte do século XX. Vale refletir também sobre o fato de que o que se diz para essas salas de aula se aplica igualmente para aquelas em que os alunos falam dialetos diferentes daquele que é pressuposto e exigido pela escola.

No artigo intitulado “Considerações sobre a fala e a escrita no contexto da escola”, Cátia Fronza, do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, articula o tema do letramento com os resultados de pesquisa sobre aquisição da linguagem considerada normal e com desvios. Examina “produções de fala e escrita de crianças no processo de aquisição da modalidade oral e de domínio do sistema da escrita”. Particularmente, ao tratar da escrita, procura ressaltar aspectos da produção gráfica da criança que podem ser explicados à luz da fonologia. Dentre seus objetivos está o de discutir a premissa segundo a qual “a ação do professor e o seu conhecimento sobre as características de fala e de escrita, também possibilitado pela pesquisa lingüística, pode contribuir positivamente para a aprendizagem e para o uso da língua materna nas modalidades oral e escrita no contexto da escola”. A seu ver, cabe ao professor possibilitar aos alunos “ambientes de ensino e de aprendizagem produtivos e compensadores”, o que resulta, certamente, de uma formação adequada e de uma compreensão do potencial das crianças e de suas eventuais dificuldades ou limitações. Não menos importante, diga-se ainda, é a contribuição do artigo no sentido de buscar maior interlocução da Fonologia e da Lingüística Aplicada com as áreas da Psicologia e da Fonoaudiologia

Este número da *Calidoscópio* é encerrado com o artigo intitulado “Vozes sobre o papel do corpo na aprendizagem”, de autoria de Hilário I. Bohn, da Universidade Católica de Pelotas, e Irene Debarba, da Secretaria de Educação do Município de Blumenau, SC. Chamando atenção para o fato de que há, nas salas de aula, distintas concepções sobre o aprender e o ensinar, os autores procuram desvelar as concepções sobre o papel do corpo “no desenvolvimento das habilidades de letramento e de alfabetização”. Para tanto, é dada voz a um grupo de 12 alunos com idades entre sete e dez anos, “os quais apresentavam dificuldades no desenvolvimento dos processos de letramento e alfabetização”. Adotando a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa (E. Orlandi no Brasil e M. Pêcheux na França) para a análise dos dados, os autores “mostram alunos condicionados por um conjunto de gestos mecânicos em que as noções de discurso, de interação e de construção de sentidos por uma comunidade de práticas estão fundamentalmente ausentes da sala de aula”. As formações discursivas às quais as crianças parecem filiar-se são discutidas em busca de uma melhor compreensão de seu papel no modo como o ensinar e o aprender se dão neste contexto. Os excertos dos alunos revelam situação escolar em que as crianças são silenciadas e ensinadas a dizerem a palavra do outro. Segundo os autores, “nos dados analisados temos usuários de um sistema de signos com os sentidos previamente estabelecidos e cristalizados, administrados pelos detentores do saber. Para as crianças, com a palavra interdita, não ouvida e não pronunciada, resta então o exercício mecânico da mão na ordenação e expressão das letras e dos números.”

Ana Maria Stahl Zilles